

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
TEATRO DE BONECOS AFRICANO E AFRODIASPÓRICO

Florianópolis, v. 1, n.28, p. 01 - 202, out. 2023

E - ISSN: 2595.0347

SomBRafica: um relato sobre o processo

Ronaldo Robles

Cia Quase Cinema (Taubaté, Brasil)

Silvia Godoy

Cia Quase Cinema (Taubaté, Brasil)



Figura 1 – Espetáculo SomBRafica, da Cia Quase Cinema.

Fotógrafo: João Batista

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034701282023112>

SomBRafica: um relato de processo¹

Ronaldo Robles²

Silvia Godoy³

Resumo: Este texto apresenta os caminhos da Cia Quase Cinema na concepção e produção de um novo trabalho com o teatro de sombras para a rua. Apresenta os estímulos para a pesquisa do grupo sobre a diáspora e como a montagem aconteceu, suas escolhas, os processos e o tratamento do material coletado para criação da obra. Dessa forma, compõe um relato sobre as etapas da montagem da peça *SomBRafica*.

Palavras-chave: Diáspora africana, escravização, teatro de sombras, performance, intervenção cênica urbana.

SomBRafica: a report on the process

Abstract: This text presents the paths of Cia Quase Cinema in the conception and production of a new work with the shadow theater for the street. It presents the motivation for the group's research on the diaspora and how the assembly took place, their choices, the processes, and the treatment of the material collected to create the work. In this way, this text composes a report on the stages of assembling the show *SomBRafica*.

Keywords: African diaspora, enslavement, shadow theater, performance, urban scenic intervention.

¹ Data de submissão do artigo: 10/07/2023 | Data de aprovação do artigo: 24/08/2023.

² Artista visual, diretor, performer e produtor. Fundador da Cia Quase Cinema, formado em Ciências Sociais FFLCH/USP, com ênfase em antropologia da performance e do drama, cursou Rádio e TV na Universidade São Judas. Pesquisa o teatro de sombras no espaço urbano, dando especial tratamento para produção de imagens simbólicas e o diálogo com as artes visuais e cinematográficas no teatro. E-mail: roblesart@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9569-888X>

³ Iluminadora, bailarina, performer e diretora. Formada em Comunicação em Artes do Corpo – PUC/SP. Iniciou o curso de cinema FAAP/SP. Em 2004, fundou a Cia Quase Cinema junto com Ronaldo Robles. Pesquisa a consciência corporal do performer e a função da luz no espaço cênico, dando especial tratamento para a preparação do performer para o teatro de sombras. E-mail: silviagodoy1976@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0746-478X>

Apresentação

SomBRafica da Cia Quase Cinema, é um espetáculo performativo que nasce do desejo do grupo em falar sobre a diáspora africana através do teatro de sombras. A Cia Quase Cinema, desde 2004, trabalha exclusivamente e ininterruptamente com o teatro de sombras de forma contemporânea. A pesquisa híbrida do grupo incorpora as artes da cena, dança, artes visuais, cinema e performance, teve desde sua criação o olhar voltado para o cinema de artista como inspiração para a criação dos espetáculos.

O núcleo rígido da companhia é formado pelos diretores Silvia Godoy e Ronaldo Robles os quais, durante esses anos, juntaram-se com colaboradores de diferentes áreas das artes: atores, músicos, cenógrafos, bonequeiros, bailarinas, fotógrafos, produtores e *performers*, entre outros. O trabalho é sempre pautado pelo processo colaborativo, *work in progress*, *site specific*, experimentações e vivências. Vida e arte se misturam para potencializar a criatividade que faz desabrochar a poesia onírica das sombras.

Neste texto, apresentamos um relato sobre o processo de criação do espetáculo SomBRafica, que estreou em 2022, logo após o final da pandemia da COVID. Uma singela contribuição sobre processos e pesquisas que o grupo realiza há 20 anos.

O diretor Ronaldo Robles, nascido na periferia da cidade de São Paulo, filho e neto de pessoas pretas. Sua mãe, quando criança, recebeu de seus irmãos o apelido de “negrinha”. Cada um deles próprios referiam-se a si como “negão”. O pai, descendente de italianos e espanhóis, separou-se quando Ronaldo era pequeno e foi, junto com sua mãe, morar na casa da sua avó materna Dona Odete.

Na década de 70, na Vila Formosa, bairro da zona leste, aos finais de semana reunia-se um grupo de samba na porta da casa deles para ensaios da escola de samba do bairro. Sua avó, uma linda mulher de cor preta, dizia: “Ronaldo, meu neto, não deixe seu cabelo crescer, é melhor cortar bem curtinho”. Ela havia sofrido na pele os maus tratos, discriminação e todas as desumanidades que o racismo estrutural impõe na sociedade brasileira.



Figura 2 – Odete, avó do diretor Ronaldo Robles
Fonte: Arquivo de família

Sua mãe, neta de portugueses, foi casada com um violeiro afrodescendente. A comunhão não durou muito tempo, porque o violeiro não tinha parada, desejava viajar pelo mundo acompanhado pela sua viola. A mãe de Odete faleceu pouco depois que o seu amor partiu com a viola. Deixou a pequena Odete órfã, sendo acolhida pelos avós maternos. Ela se tornou a neta preta da família, os avós e tios brancos fizeram dela uma empregada doméstica. Foi assim que a cor da sua pele ditou como seria sua vida. Certamente, não desejava que seus netos passassem pelo mesmo sofrimento. Ela sabia que o cabelo, grossura dos lábios, cor da pele e o nariz revelavam a origem africana e isso certamente faria seus descendentes sofrerem. Por isso, fazia questão de levar o neto para cortar o cabelo bem curtinho.



Figura 3 – Bisavós da diretora Silvia Godoy
Fonte: Arquivo de família

Silvia carrega em seus lábios carnudos e cabelos enrolados as belezas herdadas de seus avós e bisavós negros. Foi sempre vista como exótica entre as amigas e na própria família. Os traços do povo africano são herança do lado paterno. Já da sua mãe, herdou a pele branca e o cabelo castanho, próprio dos europeus. Embora sua pele seja branca como neve, seus lábios e cabelo indicam sua descendência africana e isso causa estranhamento para algumas pessoas. Houve um acontecimento muito interessante quando Ronaldo e Silvia se conheceram em 2001, abertura de exposição em São Paulo.

Na época Ronaldo trabalhava com artes visuais e foi convidado para abertura no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo), para a exposição do artista inglês afrodescendente Steve McQueen. Durante o coquetel de abertura, Ronaldo conheceu a artista Silvia Godoy, foram juntos jantar com os curadores e o artista inglês. Num determinado momento Steve perguntou para a Silvia: - "Você é mulata?" Ele não conseguia identificar se Silvia era preta ou branca, devido à singularidade de seus traços. Silvia lembra que, quando criança, sua mãe, que tem cabelo liso, não sabia como cuidar do cabelo enrolado dela e, então, cortava curto. Tratar da diáspora africana nos dias atuais necessita de cuidados, porque o lugar de fala das pessoas que sofrem na pele o racismo e o preconceito deve ser respeitado.

Dados do Anuário brasileiro de Segurança Pública mostram que 67,5% dos presos são pretos e pardos⁴. Sendo que, o censo do IBGE aponta que 56% da população brasileira é afrodescendente. A população jovem, descendente da mãe África, é constantemente abordada pela polícia devido a cor da sua pele. Um jovem branco dificilmente passa pelo constrangimento de ser parado e revistado pela polícia. Temos que lembrar que em pleno século XXI, em 2022, um homem negro, Genivaldo de Jesus Santos foi morto pela PRF (Polícia Rodoviária Federal), asfixiado após ser trancado dentro de um porta-malas em abordagem truculenta. O homem trafegava de moto sem capacete, na mesma

⁴ Fonte de consulta: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>

época em que o ex-presidente da República Federativa do Brasil fazia “motociatas” com seus apoiadores, sem utilizar capacete.

Somos uma sociedade racista e machista. Embora exista quem defenda que o brasileiro é um povo multirracial e que recebe o estrangeiro de braços abertos, isso depende da cor da pele do estrangeiro. Nos espaços de poder, judiciário, congresso e executivo há poucas pessoas pretas, nas grandes cooperações e no mundo das artes são poucos os pretos e pretas que conseguem adentrar. Nas universidades, tanto os alunos como os professores são, na maioria, pessoas de pele branca. Há um problema estrutural na cultura brasileira com relação a cor da pele que precisamos enfrentar em todos os campos da sociedade. O Brasil tem a segunda maior população de negros do mundo.

Ronaldo e Silvia fizeram o teste de DNA para verificar quanto sangue africano corre em suas veias e, por alegria, um rio de sangue africano alimenta esses corpos. No exame é possível identificar qual a região da África. Os ancestrais de Ronaldo são da região do Senegambia e, de Silvia, da Costa da Mina e Angola. Assim, uma linha de Ariadne levou Ronaldo e Sílvia a percorrer um caminho de volta para a África, para que pudessem se conectar aos ancestrais africanos e para que pudessem pensar em construir um trabalho com cuidado, respeito, pesquisa e profundidade. Nessa empreitada de construção do espetáculo, convidaram o artista Eugenio Lima, ator-MC, pesquisador da cultura afrodiaspórica, membro fundador do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, da Frente 3 de Fevereiro, e diretor do Coletivo Legítima Defesa. Eugenio acompanhou o processo e foi consultor durante a montagem. Para compor a trilha sonora, foi convidado Mano Bap, produtor musical que integra a Banda Karnak.

Das características da montagem SomBRafica

O primeiro passo para a montagem do espetáculo foi decidir se aconteceria no teatro, dentro da caixa preta ou como uma intervenção cênica

urbana no espaço da cidade. Essa decisão implicaria na dramaturgia e pesquisa que seria realizada.

As manifestações populares da cultura brasileira acontecem no espaço urbano. O samba de roda, maracatu, folia de reis, capoeira, o teatro de mamulengo entre outras manifestações ocupam as praças e ruas das cidades. O samba e outras manifestações populares, fruto da diáspora, acontecem nas ruas e praças.

O público que frequenta o teatro pertence geralmente a uma elite que teve oportunidade e acesso às artes. A formação de público para o teatro é muito deficitária e precisa de investimentos para que a população das classes D/E sejam consumidoras de teatro. Quem acessa o *foyer* dos teatros fez a escolha da peça que deseja assistir e irá encontrar naquele espaço pessoas que compartilham o mesmo gosto. O teatro é um lugar protegido e seguro, tanto para o público quando para os artistas que se apresentam. As sirenes da polícia não invadem a caixa preta, nem as luzes da ambulância. Não há pedintes de esmola e bêbados para amolar o público no teatro.

A maioria das peças de teatro de sombras acontecem no palco italiano dentro da caixa preta, lugar onde possibilita o controle da luz e do som. Na rua, o objetivo das pessoas, ou seja, do público, é de ir para algum lugar, ele está de passagem, e são tomados de surpresa quando se deparam com uma apresentação nesse ambiente. Tendo a opção de escolher se querem parar para assistir ao espetáculo ou seguir o caminho. Existe uma disputa no espaço público, sendo esse um dos desafios encontrados pelo teatro de rua. As pessoas ocupam as ruas, delimitam um espaço que se torna privado; por exemplo, o vendedor ambulante que instala seu carrinho de lanche numa praça todos os dias e ocupa aquele espaço público como se fosse privado ou um pastor que resolve dar sermão e transforma este mesmo espaço público em igreja durante sua pregação.

Além das pessoas em situação de rua que dormem em escadarias e ocupam a rua como se fosse sua propriedade privada. A rua exige negociação com a população que a ocupa, trabalhando a nossa consciência de que eles chegaram primeiro naquele lugar e conquistaram sua permanência num diálogo

com as pessoas do entorno. Quem trabalha na rua parece ser intruso no espaço urbano das cidades.

Na rua há linhas invisíveis que separam aquilo que é público do que é privado e para enxergar essas linhas é necessário que o grupo teatral tenha disposição em negociar com as pessoas e instituições. Sair do conforto do teatro para a rua, para a Cia Quase Cinema, passou a ser o caminho para a pesquisa com a performance, com o *site specific* e com a intervenção cênica urbana. Há também o desejo do grupo de comunicar com todos as classes sociais e diferentes culturas, com o objetivo de incorporar a cidade como parte da obra e intervir com sombras gigantes na arquitetura.

A arquitetura preserva a história e memória de uma cidade; os prédios, praças e ruas são um conjunto complexo de construções arquitetadas pela ação e trabalho das pessoas que moram naquele lugar. A cidade fala através da arquitetura sobre o povo que ali habita, são inseparáveis a forma que aquelas pessoas vivem do ambiente que construíram para a comunidade.

A vida não está separada do ambiente onde se manifesta. Sendo a casa um abrigo necessário para a manutenção da vida, ela também é manifestação da cultura das pessoas que ali habitam. A sombra transforma o ambiente, embora seja uma manifestação imaterial da natureza, ou melhor, ausência de luz. Sua presença no ambiente estimula o sentido da visão, provocando sentimentos e sensações.

Os artistas da Quase Cinema trabalham a ideia de inseparabilidade da pessoa e o ambiente (Esho Funi) que os ensinamentos do budismo de Nichiren Daishonin expõem. O filósofo Daisaku Ikeda comenta:

Daishonin ilustrou sua explicação fazendo uma analogia com o corpo e a sombra. O corpo se move e altera a sombra, porém, num certo sentido, o corpo é ao mesmo tempo criado pela sombra, pois o corpo não seria assim chamado se não refletisse uma sombra. Em outras palavras, o ambiente dá vida e identidade ao corpo e vice-versa. Em minha opinião, é somente por meio da formulação da inter-relação de nossa vida com nosso ambiente (Ikeda, 2017, pág. 44).

Para os artistas da Quase Cinema, vida e arte não são coisas separadas, esse conceito é central para a pesquisa do grupo com a performance e intervenção cênica urbana com sombras gigantes na arquitetura. Renato Cohen

(2004, p.37) provoca em seu livro inaugural: “Qual o desígnio da arte: representar o real? Recriar o real? Ou, criar outras realidades?”. A Quase Cinema concluiu que o público que desejava atingir com o espetáculo SomBrafrica estava nas ruas.

Chegar à população afrodiaspórica desse país com o espetáculo dentro do Teatro seria um desafio quase que impossível. Há muitos brasileiros que nunca foram ao teatro, há muitos outros que sentem vergonha em entrar num teatro, por não se sentirem parte daquela cultura. Porém, são numerosos os brasileiros que se misturam com os blocos de carnaval, assistem espetáculos de Mamulengo nas praças, dançam junto com os Bonecões e jogam capoeira nas ruas das cidades. Na rua, todos estão de passagem e as classes socioeconômicas compartilham a mesma calçada e passeiam nas mesmas praças, recebem o mesmo sol e se molham na chuva por igual.

O desafio estava colocado, o espetáculo aconteceria na rua, para todos os públicos e pessoas que por ali passassem. Essa decisão revelou a direção da dramaturgia que o grupo iria percorrer. O próximo passo seria realizar uma pesquisa que possibilitasse adentrar no universo da diáspora africana, alimentando a construção estética e o roteiro do espetáculo.

Eugenio Lima indicou muitas leituras, obras que conduziram a refletir sobre quem é o povo africano, além de alguns documentários. No imaginário comum do brasileiro, o continente africano remete às savanas ou deserto, imagens de leões, girafas e vilas onde as danças rituais acontecem. Porém, essa visão é do século XVI. No continente africano há cidades modernas onde o desenvolvimento aconteceu de forma rápida e potente. A arte, a moda e outros muitos saberes que conhecemos são criados e produzidos a partir da África.

O grupo escolheu o poema Navio Negreiro de Castro Alves para iniciar a jornada. O estudo dessa obra e dos críticos que fizeram releituras sobre o texto foi o ponto de partida, mas a ideia era ir ainda mais a fundo: buscar o elo que existe entre os brasileiros e o povo africano, a influência da cultura afro na nossa brasilidade. Afinal, sem a vinda dos africanos não seríamos o que somos. Não haveria feijoada, capoeira ou samba... afinal, não seria o Brasil.

Do aprofundamento nas referências literárias e históricas

Que cabelo é esse? O livro, “Esse Cabelo”, da escritora Djaimilia Pereira de Almeida, ajudou a entender que aquilo que sofremos como afrodescendentes é uma luta histórica contra o eurocentrismo. A descolonização está em curso, é uma luta que travamos nesse momento, aqui e agora, pois continuamos aprisionados na cultura eurocêntrica onde aqueles que têm aparência diferente dos povos colonizadores ainda são considerados inferiores. O cabelo da personagem da história, assim como o cabelo de Ronaldo e Silvia, fazem com que eles ocupem um não lugar, entre isso e aquilo. Ou melhor, não aparentam os colonizadores e tampouco os povos africanos. Porém, carregam consigo o sangue do colonizador e do escravizado.

Eugenio apresentou uma variedade de pensadores que pensam a África, Cheikh Anta Diop, Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire, entre outros. A Quase Cinema também estudou o livro Escravidão, de Laurentino Gomes. Dessa forma, passou a entender que a África que conhecemos foi criada pelos europeus, que inventaram uma história sobre quem é o povo africano e qual a cultura desse povo. A história da África tem que ser contada pelos africanos e não pelos seus colonizadores. Ter contato com os pensadores africanos permitiu ao grupo aprofundar o conhecimento sobre a diversidade e grandiosidade do povo daquele continente. Então, com seus cabelos crespos e enrolados, a companhia decidiu retornar para a África.

Porém, há aqui no Brasil um grupo de pessoas que são descendentes diretos dos escravizados, os quilombolas.

A Quase Cinema iniciou uma série de visitas aos quilombos no Estado de São Paulo, região do Vale do Paraíba no interior do estado de São Paulo, onde fica a sede da companhia. Essa, foi uma das regiões que recebeu o maior número de escravizados no estado de São Paulo. Muitos chegaram no litoral norte que faz divisa com a cidade de Paraty. Eles eram levados para fazendas de engorda e vendidos para os fazendeiros, subiam a serra do mar a caminho de Minas Gerais. A famosa Estrada Real, que corta nossa região, passa pelo Rio de Janeiro e leva ao estado de Minas Gerais. Uma estrada que se transformou

em rota turística onde fazendas escravocratas viraram casa de campo das classes abastadas. Alguns hotéis de luxo ainda mantêm a senzala como espaço de exposição para os turistas visitarem durante a estadia.

Quilombo da Caçandoca e do Campinho da Independência



Figura 4 – Quilombo Caçandoca
Fotógrafo: Ronaldo Robles

Os Quilombos na região do vale do Paraíba ficam, em sua grande maioria, no litoral norte do estado de São Paulo. Em visita aos quilombos, Ronaldo e Sílvia conversaram com os moradores, visitaram as construções remanescentes e andaram pelo espaço - seguindo o fio de Ariadne que conduziria a uma África que habitaria em cada um deles. Na maioria, são quilombolas remanescentes, são bisnetos e netos dos escravizados que após libertados permaneceram na terra.

As conversas realizadas com os moradores foram gravadas, o espaço foi fotografado e o grupo brincou com as crianças e realizou oficina de teatro de sombras para os quilombolas interessados. Uma senhora quilombola cantou em dialeto africano a música que sua mãe cantarolava para ela quando pequena e também apresentou um jogo africano que seu bisavô lhe ensinou a brincar, sobre nunca esquecer as origens.

Os quilombos que foram visitados estão em situação diversa, alguns já conseguiram regulamentação e estão mais bem estruturados em associação de

moradores. Infelizmente, uma boa parte dos quilombos ainda não recebeu as certificações e estão no processo correndo o risco de serem expulsos da terra. Mesmo entre os moradores, há uma parcela que faz oposição ao reconhecimento do quilombo, nega as origens e se autoafirma como caiçaras. Existem vários grupos que disputam a liderança interna do quilombo, eles em geral são muito cuidadosos com as pessoas de fora que chegam para realizar pesquisas. Há muitas pessoas que se aproveitam dos quilombolas, retiram informações e promovem suas carreiras.

Quando a Quase Cinema chegou nas comunidades foi muito bem acolhida, pois teve o cuidado em apresentar o projeto e deixar os moradores livres para contribuírem como desejassem. Ronaldo tem formação em antropologia, fez seu caderno de campo com base nos estudos antropológicos, foi um observador atento com olhos abertos e ouvidos amplificadores (foram visitados cinco quilombos da região). Eugenio Lima pôde contribuir com seu conhecimento sobre a história de luta do povo preto, apontando questões recorrentes nesses ambientes.

Essa vivência no espaço físico e social foi fundamental para a criação do espetáculo; estar com as pessoas, andar pelas construções remanescentes, almoçar, brincar e dialogar foi o alimento que preencheu a criatividade, possibilitando devolver para o público as emoções, sentimentos e experiência vivenciada com os quilombolas. O grupo sentiu a energia do lugar, das árvores e, principalmente, das construções. A arquitetura remanescente das senzalas, casa de farinha, caminhos abertos na mata são uma das provas indispensáveis para que a comunidade consiga certificação. A marca registrada no tempo e no espaço que indica o lugar onde os escravizados viveram é a arquitetura. Depois dessa experiência, o grupo indagou-se: “como seria retornar para a África com os nossos cabelos crespos? “

Por que a Quase Cinema foi para o Senegal?



Figura 5 – Ilha de Gorée, Dakar, Senegal – 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

Para a viagem, foi procurado no continente africano um local que tivesse construções remanescentes da época do tráfico dos escravizados. Não há muitas construções preservadas daquela época, pois os colonizadores destruíram os edifícios que pudessem rememorar as atrocidades cometidas durante aquele triste período da humanidade.

A palavra escravo tem referência no latim medieval *sclavus* e é uma derivação de *sklabenós*, traduzido como *eslavo*, uma referência aos povos eslavos que foram escravizados. Porém, a coisificação do ser humano aconteceu durante o período em que os colonizadores europeus comercializavam os africanos como coisas, vendiam seres humanos como se fossem objetos. Foram milhões de africanos trazidos a força para as Américas. Um número igual ou até maior ficou pelo caminho nas águas do Oceano Atlântico. Uma curiosidade é que os tubarões das praias africanas atravessaram o oceano seguindo os navios tumbeiros e passaram a viver deste outro lado do atlântico (Gomes, 2019, p.49).

Um dado assombroso que o escritor Laurentino Gomes apresenta é que 40 milhões de pessoas vivem atualmente em situação análoga à escravidão, são 800 mil pessoas traficadas internacionalmente. Por esse motivo, a escravidão ou escravização não é coisa do passado, mas está presente nos dias atuais.

Uma das poucas construções remanescentes da época está localizada em Dakar, na ilha de Gorée. Trata-se da *Maison des Esclaves*, um museu onde está a Porta do Não Retorno (uma das muitas que existiram à época). Uma porta

nos fundos da propriedade que dá para o mar atlântico, atravessando o mar em linha reta é possível chegar no Brasil.

A viagem teve do grupo teve início no aeroporto Galeão, Rio de Janeiro, seguido de uma escala de um dia em Lisboa, Portugal. A maior parte dos passageiros eram brancos, havia poucos negros nessa primeira parte da viagem. A segunda parada foi em Casablanca, Marrocos, onde havia negros, porém nada que provocasse atenção. Mas, ao chegar no portão de embarque para Dakar, Senegal, houve o feliz encontro com o povo africano. Apenas Silvia e um outro passageiro tinham a pele branca. No embarque, muitas crianças e jovens demonstravam a nítida diferença do voo que saiu do Brasil para Portugal, onde havia poucas crianças e apenas alguns jovens. A chegada foi a noite, bem tarde. Não havia iluminação urbana suficiente para enxergar as casas e o taxi que levou o grupo até o local alugado fez um longo trajeto, fato que possibilitou observar a cidade pela janela e avistar, em todo percurso, muitos espaços com uma multidão de carneiros.



Figura 6 – Dakar, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

Quando o táxi estacionou, uma mulher veio ao encontro do grupo e conduziu até a moradia. Não havia muitas pessoas nas ruas. O bairro onde estávamos lembrava as comunidades do Paraisópolis na cidade de São Paulo. No primeiro horário da manhã foi a saída para descobrir o lugar, andando alguns

quarteirões para alcançar o supermercado do bairro. O lugar era um bairro próximo do centro de Dakar.

A cidade coberta por uma nuvem de areia em decorrência da poluição, canteiros de obras espalhados por todos os cantos e a influência das areias do Saara. O povo muito acolhedor e bonito, pessoas altas e elegantes, vestidos com roupas coloridas, desfilavam pelas ruas. A mistura do clima quente e seco, dialeto *wolof* e os vestuários criavam um ambiente diferente do Brasil, mas a alegria, a música e o acolhimento amigável lembravam nosso país, fazendo com que todos se sentissem em casa. Estar na região de onde os antepassados de Ronaldo e Sílvia vieram e encontrar nas ruas muitas senhoras que lembravam a avó Odete, provocava um sentimento muito bom e gratificante. Foram três acontecimentos que marcaram a viagem de volta para a África: 1) Palestra e workshop na Universidade Cheikh Anta Diop; 2) Workshop de teatro de sombras para o grupo Kadu Yaraaxx; e 3) Visita a Ilha de Gorée, Casa dos Escravos.

Palestra e workshop na universidade Cheikh Anta Diop



Figuras 7 e 8 – Atividade na Universidade Cheikh Anta Diop, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

A recepção do grupo coube ao professor Doutor José Horta, diretor do Instituto de Línguas Camões no Senegal e coordenador do curso de língua romana da Universidade Cheikh Anta Diop. O professor Horta nasceu em Angola e após a Revolução dos Cravos retornou junto com sua família para Portugal.

Seu coração africano levou-o de volta para sua terra para lecionar a língua portuguesa numa das mais importantes universidades do continente. Um ser humano incrível e acolhedor como os africanos são por natureza. Seus alunos amam as aulas, disputam para conseguir vaga no curso quando o professor oferece a disciplina. Os que não conseguem vaga, ficam nas portas e janelas acompanhando a performance do mestre pelo lado de fora.

Ao chegar na sala Camões no segundo andar do prédio de línguas estrangeiras, já estavam ali, esperando, aproximadamente 40 alunos, mestrandos e doutorandos em língua portuguesa. Professor Horta apresentou os integrantes da Quase Cinema e depois pediu para que os alunos se apresentassem. Adji, doutora e assistente do professor, com um português fluente e vocabulário rico, convidou os alunos para saudar o grupo. Todos se levantaram e começaram a cantar em *wolof* uma canção de boas-vindas.

Eles repetiam o refrão em português que dizia, “sejam bem-vindos ao Senegal, amigos”. Depois, a descoberta de que essa canção é ancestral, cantada para os parentes que retornam para casa após um longo período de viagem. Foi uma recepção emocionante. Professor Horta contou que Conceição Evaristo e Mia Couto, entre outros visitantes, também se emocionaram com a recepção dos alunos.



Figura 9 – Professor José Horta, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

Na sequência, uma visita ao alojamento da universidade, no qual há duas camas por quarto, sendo que dormem quatro alunos por quarto, dois em cada cama. Os alunos optaram em compartilhar a cama com outro aluno para que

mais jovens pudessem frequentar a universidade. Para conquistar isso, fizeram protestos e greves estudantis até que a reitoria da instituição aceitou a proposta. Durante a noite, devido ao calor intenso, os alunos estendem tapetes nas calçadas da universidade embaixo dos postes de luz para estudar.

A data de chegada estava a poucos dias da celebração do Tabaski, onde os alunos retornam para suas vilas para comemorar com seus familiares. Antes de retornar, fazem festas dentro da universidade. A Quase Cinema participou de uma dessas celebrações, misturando-se com as centenas de jovens que cantavam e dançavam. Um personagem mítico, *Kankuran*, corria atrás das pessoas e todos fugiam para não serem pegos por ele.



Figuras 10 e 11– Registro do Workshop Cia Quase Cinema, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

O workshop de teatro de sombras iniciou com a companhia falando sobre o seu histórico, sobre dramaturgia e sobre aspectos das artes cênicas diaspóricas no Brasil. Na fala, também foram abordadas as intervenções cênicas urbanas com sombras gigantes na arquitetura, realizadas pelo grupo, e os motivos que levaram a produzir um espetáculo sobre a diáspora africana.

Os alunos fizeram muitas perguntas e a conversa com eles durou por algum tempo. Logo após, iniciou a prática, trabalhando sobre elementos técnicos do teatro de sombras. Os alunos foram convidados a fazerem um duplo do seu perfil. Foi muito divertido cortar, desenhar e projetar as sombras dos rostos dos alunos na parede da sala de aula. No início havia 40 alunos, mas foram chegando mais e mais alunos, o que gerou a necessidade de ampliar o tempo de duração da atividade. Ao final, a promessa da Quase Cinema de incorporar os perfis deles no espetáculo.



Figura 12– Registro dos perfis de alunos/as no workshop Cia Quase Cinema, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

Professor Horta convidou alguns alunos que dominavam muito bem a língua portuguesa para acompanhar o grupo como tradutores na visita que seria feita à ilha de Gorée e no intercâmbio agendado com o grupo de teatro Kadu Yaraxx. No Senegal, a língua oficial é o francês, porém falam o *Wolof* no dia a dia, francês é utilizado na escola e eventos oficiais. A grande maioria dos jovens fala bem o francês, mas os velhos falam apenas o *Wolof*.



Figura 13– Registro dos perfis de alunos/as no workshop Cia Quase Cinema, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

Encontro com grupo de teatro em Dakar

A saída de Dakar foi de táxi, para ir até a sede do grupo Kadu Yaraxx. A sede fica num bairro periférico da cidade. O trânsito em Dakar é uma das coisas mais impressionantes, carros misturados com pessoas, motos em ruas estreitas e muita buzina, pois eles buzina para tudo, virar, parar, seguir a diante, para permitir ao transeunte atravessar a rua... buzina o tempo todo. Num primeiro momento, atordoamento, mas logo acostuma-se ao barulho.

Há alguns cidadãos que resolvem por conta própria organizar o trânsito, ficam no meio da rua assobiando e comandando a massa de carros. Alguns deles já andam com um apito pendurado no pescoço e, dependendo da situação do engarrafamento, entram em ação.

O táxi que levava a Cia Quase Cinema parou numa avenida movimentada, onde todos desembarcaram. O produtor da companhia Kadu Yaraxx estava esperando no local marcado próximo à barraca de ervas medicinais e temperos. Após andar por alguns quarteirões, foi possível entrar no espaço do grupo visitado. Havia, na porta de entrada, uma pequena multidão de pessoas recebendo senhas do governo para comprarem alimentos para a celebração do Tabaski.

O local onde o grupo tem sede é um centro social e cultural do bairro. Na porta, está escrito com letras desenhadas *Théâtre Forum*. Foi uma grata surpresa encontrar esse grupo que há 25 anos pesquisa, fomenta e produz o teatro criado pelo Augusto Boal.



Figura 14– Banca de Ervas em Dakar, 2022
Fotógrafa: Sílvia Godoy

Dentro do teatro, havia aproximadamente dez pessoas, atrizes e atores do grupo. A Quase Cinema pode compartilhar sua trajetória e almoçar um prato típico do Senegal, *Thieboudienne*. Prato feito com arroz frito, legumes, peixe e mandioca cozida. A mandioca é original do Brasil e deve ter sido levada para a África durante o período de tráfico dos navios negreiros. Durante o diálogo estabelecido, o grupo local comentou que trabalham dois temas com o teatro de fórum na comunidade; Imigração ilegal e meio ambiente.



Figura 15 – Sede Kadu Yaraax, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles



Figura 16 – Thieboudienne, culinária tradicional, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

Depois disso, foi possível sair para conhecer a comunidade ao entorno, andando alguns quarteirões até chegar à praia. Ali, ficou evidente por que a questão do meio ambiente é um tema latente. Havia muito lixo jogado na areia, e se via uma senhora com um balde na cabeça lançar ao mar o esgoto da sua casa, enquanto um rapaz fazia exercícios dentro d'água. Em meio ao lixo, enfrentava-se o odor que contaminava o ambiente. Ao longe, no mar, uma piroga colorida e solitária.



Figura 17 – Piroga, Dakar, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

Considerando a beleza daquele barco, a companhia indagou sobre ele ao anfitrião. Ele explicou que aquelas embarcações levavam os jovens para a Europa de forma ilegal e era contra esse tipo de imigração. Contou que o grupo trabalhava para conscientizar os jovens, uma vez que muitos morrem em alto mar, em naufrágio, ou são capturados pela polícia costeira quando chegam na Europa.

Uma pequena ilha fazia parte da paisagem compondo com a piroga uma imagem linda com o céu azul. Mais tarde, soube-se que a pequena Ilha era Gorée de onde, outrora, partiam os africanos escravizados para a América. Aquela praia atualmente é o ponto de partida para os jovens do Senegal tentarem a vida nos países desenvolvidos. Todos os senegaleses que que a Quase Cinema encontrou durante a viagem tinham familiares morando em algum país da Europa.

A pobreza força os jovens a procurarem um lugar onde tenham melhores oportunidades para constituir suas famílias. Embora a imigração para Europa seja hoje uma escolha, a situação de escassez força o jovem a se aventurar numa jornada de dez noites no mar, com 100 pessoas amontoadas sobre um pedaço de madeira, colocando a vida em risco.



Figura 18 – Registro workshop Cia Quase Cinema, Dakar, 2022
Fotógrafa: Silvia Godoy

Durante workshop que a Quase Cinema ministrou para o grupo local, os atores fizeram com dedicação todas as tarefas e exercícios sugeridos. Formaram duos e trios para contarem através do teatro de sombras pequenas histórias. Na maioria delas, as questões da imigração e da degradação ambiental estavam presentes.

Todas as histórias foram contadas com musicalidade. Os grupos pegaram baldes e pedaços de madeira para compor sons percussivos. Cantaram as histórias enquanto passavam as silhuetas numa cortina improvisada. Ao final, convidaram para retornar num futuro próximo.



Figura 19 – Registro Grupo Kadu Yaraaxx, Dakar, 2022
Fonte: Arquivo da Cia Quase Cinema

Na ilha de Gorée

A ilha fica muito próxima da cidade de Dakar. Há uma balsa que faz a travessia duas vezes por dia. Não existem carros e os moradores da ilha vivem num ambiente muito diferente de Dakar. As construções são preservadas da época colonial e muito bem cuidadas. O local é utilizado pelos turistas e classe abastada, para veraneio.

A Quase Cinema, no mesmo dia em que chegou, pôde visitar o museu *Maison Des Esclaves*. Durante a visita, foram projetadas nas paredes do museu as silhuetas que a companhia levou na bagagem, com esta finalidade. O casarão fica no andar superior e no nível térreo da casa ficam os espaços em que eram “depositados” os escravizados, onde eram separados em grupos de meninas virgens, crianças, mulheres, homens saudáveis, homens para engorda e um buraco que servia como prisão solitária para aqueles que oferecessem resistência.



Figura 20 – Maison Des Esclaves – Ilha de Gorée, 2022.
Fotógrafa: Sílvia Godoy.

Os visitantes que a cia encontrou no local eram jovens e crianças das escolas de Dakar e alguns poucos turistas. Naquele momento, a pandemia ainda exigia cuidados para as viagens, carteiras de vacinação e teste laboratorial contra a Covid, pois não era sabido se a pandemia estava caminhando para o fim ou alguma outra mutação do vírus poderia provocar o fechamento de tudo novamente. Por isso, havia poucos turistas na ilha.



Figura 21– Registro de projeção de silhuetas no museu, Ilha Gorée, 2022
Fonte: Arquivo da Cia Quase Cinema

As silhuetas projetadas pela Quase Cinema foram: Dona Odete, Conceição Evaristo, Gilberto Gil, Pixinguinha, Grande Otelo e Marielle Franco. A Porta do Não Retorno fica nos fundos da construção e permite avistar o Oceano Atlântico, com aquela imensidão de azuis entre o céu e do mar que testemunharam um dos maiores genocídios de um povo sobre outro. O mar daquela região é morada de várias espécies de tubarões.



Figura 22– Registro de projeção de silhuetas no museu, Ilha Gorée, 2022
Fonte: Arquivo da Cia Quase Cinema

Chegar naquela porta remeteu o grupo imediatamente às imagens de sofrimento e dor dos escravizados que por ali passaram. Como os antepassados do Ronaldo vieram daquela região, muito provavelmente atravessaram aquele portal para nunca mais retornarem. O sentimento de estar ali é algo que as palavras não dão conta. Banhados pelo som das ondas batendo naquela

construção e a imensidão do mar, restava ficar em silêncio, em oração, por todas as pessoas que passaram por ali.



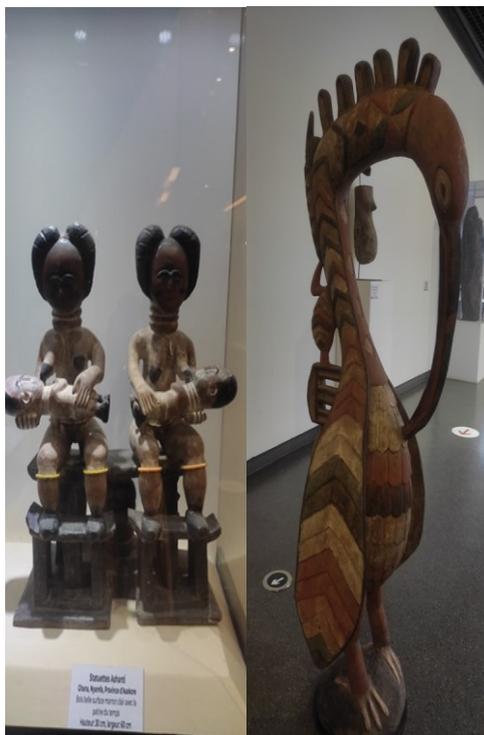
Figura 23– Portão do Não Retorno, Ilha Gorée, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

Do outro lado da rua do museu, há um teatro de arena muito bonito e conservado, porém, abandonado pelo tempo. O grupo retornou à noite para projetar as silhuetas na parte externa do casarão e documentar a intervenção naquela arquitetura histórica.

No dia seguinte, andando pela praia, um grupo de capoeiristas, jovens, que cantavam em português as canções e jogavam na areia. Ronaldo juntou-se a eles e jogaram capoeira. A capoeira, fruto da diáspora, nasceu no Brasil e se tornou um dos símbolos mais conhecidos da nossa cultura no mundo.

Sobre os últimos dias em Dakar

Durante a estadia em Dakar, a Quase Cinema também visitou o Museu das Civilizações Negras que estava com uma exposição do pintor Picasso e outra, permanente, sobre a África. Muitos bonecos africanos feitos de madeira, barro e outros materiais. São povos milenares que habitam o continente africano. O retorno para Lisboa ocorreu dois dias antes da celebração do Tabaski. Não havia mais carneiros nas ruas, pois todos foram vendidos. Apenas os vendedores de facas e churrasqueiras. Para a celebração, os carneiros devem ser sacrificados pelo homem da família. Milhões de carneiros são comercializados nessa época.



Figuras 24 e 25– Imagens de peças do Museu das Civilizações Negras, Dakar, 2022
Fotógrafa: Sílvia Godoy

Para observarmos a cultura do outro é necessário fazer o exercício de não comparar com a nossa cultura, fazer o esforço de aprender com o outro a partir dos valores e costumes daquele povo, sem jamais julgar ou comparar com nossa forma de ser e estar.

Em Lisboa, o olhar da companhia voltou-se para o colonizador. Lá, foi possível visitar locais onde as primeiras embarcações partiram para fazer o tráfico dos escravizados. Ainda seguindo o mesmo fio de Ariadne, a Quase Cinema chega ao Museu da Marionete de Lisboa. A exposição permanente oferece uma visão panorâmica dos bonecos do mundo todo, com especial atenção para os europeus. Porém, não poderiam deixar os bonecos africanos de fora e, para alegria, havia naquele momento uma exposição, temporária, numa sala exclusiva, com bonecos de vários povos africanos. Visitar aquela exposição no retorno foi muito produtivo, pois o olhar estava treinado para observar e reconhecer os materiais, estilos e formas dos bonecos africanos.



Figura 26 – Imagens de peças do Museu da Marionete, Lisboa, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles



Figura 27 – Imagens de peças do Museu da Marionete, Lisboa, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

Finalmente o grupo chega em casa após 16 dias de viagem. A bagagem ficou lotada de imagens, histórias, encontros e sensações para alimentar a criação do espetáculo. A próxima etapa consistiu em criar a dramaturgia e muitos elementos se tornaram necessários para a montagem de um espetáculo de teatro de sombras para a rua, que tratasse sobre a diáspora africana.

A dramaturgia e a poética do espetáculo

Levou algumas semanas para a decupagem do material coletado. Havia muito material, mas a memória emotiva, aquilo que ficou introduzido na vida, no pensamento e nas emoções, foi o que guiou durante essa etapa do processo.



Figura 28 – SomBRafica, São Luiz do Paratininga/SP, 2022
Fotógrafo: João Batista

O espetáculo foi concebido como camadas sobrepostas que acontecem ao mesmo tempo: sombras, trilha sonora, letras das músicas, as silhuetas/bonecos, objetos de cena, o corpo/sombra dos performers e fontes de luzes.

A dança foi coreografada pela bailarina afrodiaspórica Soraya Barreto. A paleta de cores do espetáculo foi definida a partir das cores encontradas nas bandeiras das nações africanas e nas religiões afro-brasileiras.



Figura 29 – SomBRafica, São Luiz do Paratininga/SP, 2022
Fotógrafo: João Batista

A música orientou a dinâmica das cenas e as letras foram criadas com base nos estudos e pesquisas que foram realizados. Os bonecos, foram inspirados nas imagens vistas no Museu das Civilizações Negras e no Museu da Marionete em Lisboa.



Figura 30 – SomBRafica, São Luiz do Paratininga/SP, 2022
Fotógrafo: João Batista

A memória corporal afetiva adquirida durante a pesquisa, dos estudos à viagem pelos quilombos e África, fez-se presente na movimentação e tonicidade dos corpos em cena.



Figura 31 – Bonecos Bichos, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

As imagens dos alunos entraram no espetáculo, na cena do trabalho. Jurandir, quilombola que acolheu a Quase Cinema no quilombo da Caçandoca, também participa do espetáculo com sua silhueta. Silhuetas da Dona Odete, avó do Ronaldo, dona Maurinete Lima, mãe do Eugenio, Gilberto Gil, Marielle Franco e Pixinguinha, entre outros afrodescendentes, estão na peça.

Foi uma forma de homenagear nossos mestres, antepassados e grandes brasileiros. Os ensaios aconteceram na sede da Cia Quase Cinema, num espaço onde é possível projetar sombras gigantes nas paredes. Por ser um espetáculo pensado para a rua, a dramaturgia é construída num conjunto de pequenas cenas com início, meio e fim. Isso para que o transeunte possa parar e assistir um trecho do espetáculo ou, se preferir, assistir inteiro.

O primeiro passo, foi delinear algumas coisas que necessitavam estar presentes: a travessia, a resistência, o trabalho e, por fim, a alegria e a celebração. O desafio foi falar de forma poética sem ter que recorrer às imagens que o grupo não queria perpetuar como, por exemplo, pessoas acorrentadas, corpos torturados, chicoteados, seres humanos sendo jogados ao mar, entre outras desumanidades que continuam sendo perpetradas contra o povo preto.

A decisão era falar através da corporeidade e musicalidade africana e, analogamente, da brasileira. A opção foi por contar essa história através da música e do corpo. A potência da musicalidade e da dança do povo africano está presente também na nossa cultura e os africanos contribuíram para o nascimento de muitos estilos musicais em todo o mundo: *jazz*, *blues*, *reggae*, *ska*, *samba*, *jongo*, *rock and roll*, entre outros.

A música foi o fio condutor da dramaturgia. Mano Bap, pesquisa há muitas décadas a música afrodiaspórica e teve papel fundamental nessa etapa da construção do espetáculo. Também teve a colaboração do compositor, cantor e letrista Camilo Frade, que vive e trabalha na cidade de São Luiz do Paraitinga, região do Vale do Paraíba. Filho e neto de negros, o artista cresceu assistindo as folias de reis, jongo e toda a variedade de manifestações populares da região. As letras das músicas foram surgindo a partir das conversas e reflexões sobre o conteúdo pesquisado.



Figura 32 – Prólogo de SomBRafica, Jacaraí/SP, 2022
Fotógrafo: João Batista

No prólogo do espetáculo o grupo apresenta a pangeia, sobrepondo em camadas a música ancestral africana que pesquisadores recriaram a partir de instrumentos encontrados pelos arqueólogos, som primitivo, as primeiras percussões africanas que a história da música alcançou. E também, mesclando a dança ritual africana que a coreógrafa Soraya sugeriu. Além da pesquisa sobre os movimentos dos orixás, as cores e texturas das religiões afro-brasileiras serviram de suporte.

Na primeira cena, o espetáculo fala sobre a travessia dos antepassados do continente africano para as Américas; o mar, tubarões, tempestades, pássaros e as embarcações. Também fala sobre a luta contínua e ininterrupta dos afrodescendentes contra o colonialismo, racismo, discriminação, desigualdade e toda variedade de ataques que são praticados devido à cor da pele, nariz, cabelo e à sua ascendência.

No final da travessia e chegada ao porto, foi incluído a referência ao mercado de venda de escravos, com as imagens/silhuetas da Dona Odete, Conceição Evaristo. Gilberto Gil, Marielle Franco, Pixinguinha, Grande Otelo, Dona Maurinete e Jurandir do quilombo, entre outros. Um trecho da letra da cena da Travessia diz: “Atravessei o mar atravessei/ Aqui cheguei e sigo a atravessar”.



Figura 33 – Silhuetas dos perfis de alunos/as, 2022
Fotógrafo: Ronaldo Robles

Para a segunda cena, a fala sobre a força das mulheres africanas que foram violentadas sexualmente e de outras muitas formas, tiveram seus filhos assassinados, escravizados e vendidos como coisas, passando por sofrimentos inimagináveis.

Quando olhamos para trás, buscando entender o que aconteceu, a imagem que surge é da mulher negra no centro do horror da escravidão. Aqualtune, avó de Zumbi dos Palmares, símbolo de coragem, força e resistência da mulher negra, representa as guerreiras que continuam lutando nas periferias das cidades, nas comunidades, em todos os cantos dessa terra para proteger e oferecer melhores oportunidades para seus filhos e netos.

Imagens sobrepostas, dança e música teceram a cena. Um trecho da letra diz: “Uma majestosa negra/ Ainda anseia pelo dia / Que seu povo faça a festa/ Pela segunda alforria/ Contra as lutas mais inglórias/ Das histórias desta terra/ Conduzidas pelas brancas/ mãos da hipócrita miséria”.



Figura 34 – SomBRafica, São Luiz do Paratininga/SP, 2022
Fotógrafo: João Batista

Na terceira cena, uma reflexão sobre o trabalho, sobre como os escravizados foram trazidos contra sua vontade e vendidos como força de trabalho. As imagens ressaltam como tinham que ser fortes para aguentar do nascer do sol até o anoitecer na lida no campo, carregando peso, sendo serviçais na casa e fazendo o trabalho duro para produzir riqueza para os escravizadores.

O trabalho pesado continua até os dias atuais nas mãos dos negros e seus descendentes; os pedreiros são, na maioria, pretos ou pardos. Também o são as cozinheiras, boias frias, garis, domésticas, entre outros trabalhos que são mal remunerados. Um trecho da letra: “Tua pele é tua luz/ tua vida tua cruz/ o teu raio de esperança pra seguir”.



Figura 35 – SomBRafica, São Luiz do Paratininga/SP, 2022
Fotógrafo: João Batista

Na última cena, elementos da cultura afro-brasileira que são conhecidos e apreciados mundialmente: o samba e a capoeira. A celebração da força de um

povo que continua resistindo, lutando e conquistando sua liberdade, direitos e igualdade de oportunidades para as futuras gerações. Um trecho da última música:

Ouçã bem ó minha gente/ Capoeira vai contar/ Vamos descolonizar/
Ser o dono dessa terra/
Amanheceu um novo mundo/ Pela força de um povo/ É pra frente que
se anda/ Sem esquecer os ancestrais/
Vou chamar tupinambá/ Todos juntos pra dançar/ Com alegria vou
cantar/ Pro meu povo festejar/
Ter comida na mesa/ Dignidade pra viver/ Ocupar todos os cantos/ Ter
respeito e alegria.

Concomitantemente com a criação das músicas e letras, houve a produção e confecção dos elementos da cena. Foram projetados o tamanho dos bonecos/silhuetas e a potência das fontes de luz para projeções de sombras gigantes na arquitetura. Foram construídos os refletores e bonecos/silhuetas para contemplar prédios até dez metros de altura.

A escolha criteriosa dos prédios onde são projetadas as sombras contempla o conceito de *site specific*, no qual é incorporada a arquitetura como parte da obra. Para as projeções nas apresentações, a Quase Cinema procura prédios que tenham íntima relação com o período da escravidão, tais como as Igrejas do rosário, casarões construídos na época e fazendas escravocratas. Isso serve como forma de ressignificar esses espaços, símbolos do período da escravidão. Dessa forma, a companhia projeta nas paredes sombras afrodiaspóricas que dignificaram e engrandeceram a história do povo brasileiro.

Referências

- ALVES, Castro. **Navio Negroiro**. São Paulo: Saraiva, 2010
- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Esse Cabelo**. São Paulo: Todavida, 2022
- CESAIRE, Aime. **Discurso Sobre a Negritude**. São Paulo: Nandyala, 2010
- COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2004
- _____. **Work in progress na cena contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. São Paulo: Edufba, 2008

- GOMES, Laurentino. **Escravidão**. Rio de Janeiro: Globo, v1, 2019
- IKEDA, Daisaku. **Vida um enigma, uma joia preciosa**. São Paulo: Record, 2003
- MELLO E SOUZA, Marina de. **África e Brasil Africano**. São Paulo, Àtica, 2005
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude, usos e sentidos**. São Paulo, Atica, 1988
- SARR, Felwine. **Afrotopia**. N-1 edições, 2019.

Entrevista consultadas:

RIBEIRO, Djamila, Entrevista. **Roda viva**. TV Cultura, 2020. Acesso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jn1AtnzTql8>

Documentários consultados:

PECK, Raoul. **Exterminate all the Brutes**. HBO. 2020. Acesso disponível em: <https://www.hbo.com/exterminate-all-the-brutes>

MCQUEEN, Steve. **Small Axe**. Prime Video. 2020. Acesso disponível em: <https://www.primevideo.com/detail/Small-Axe/0N4R33UCITDSERIAYNRP8PP0JI>

FRAGA, César e CASTRO, Maurício Barros de. Sankofa. **África que te habita**. Netflix, 2020. Acesso disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81350736?trackId=255824129>

Site consultado:

<https://www.slavevoyages.org/>